

---

# PADROEIRA: A FESTA DE NOSSA SENHORA D'AJUDA EM ITAPORANGA

---

Magno Francisco de Jesus Santos (UFS)<sup>1</sup>  
Márcia Maria Santos Santiago (UFS)<sup>2</sup>

## RESUMO

Um dia insólito na trajetória de um núcleo urbano é a festa do padroeiro. Celebrar o dia do santo protetor incumbe em abrir espaço para a manifestação de uma complexa tessitura social, permeada de dramas, conflitos, angústias e prazer. Partindo desta constatação, esse artigo tem como objeto a festa de Nossa Senhora d'Ajuda, padroeira de Itaporanga. No decorrer da primeira metade do século XX a referida solenidade religiosa teve proporções surpreendentes, englobando elementos da estética barroca que impressionavam visitantes e devotos. A discussão acerca da festa da padroeira está inserida no projeto de pesquisa Memórias e Saberes: o patrimônio cultural de Itaporanga d'Ajuda, no qual estamos realizando um levantamento das principais manifestações culturais do município.

## INTRODUÇÃO

Festejar o dia da padroeira significa um dos principais acontecimentos de uma pequena cidade. É um momento único de congregação, opulência e religiosidade, no qual os dramas sociais são explícitos em seus mais variados atos. Na festa da padroeira a comunidade se une em prol da celebração do santo protetor, mas também desagrega ou enfatiza tal aspecto, ao passo que por ser um ato público, os mais variados elementos de distinção social são utilizados.

Em Itaporanga d'Ajuda, cidade sergipana cravada às margens do rio Vaza-Barris, a celebração da padroeira foi realizada no decorrer da primeira metade do século XX com características imponentes. Era uma festa marcada pela exuberância e mescla de elementos variados. A grande simbologia que envolvia os festejos fazia com que houvesse um fortalecimento do apelo teatral. A festa de Nossa Senhora d'Ajuda desenrolava segundo um plano preestabelecido, buscando unir devoção, apelo e representação. Nesta perspectiva, a procissão solene da padroeira poderia ser vista como a síntese de uma retórica teatralizada do barroco, que permanecia eivada na sociedade brasileira em pleno século XX.

Para atingir tais aspectos teatrais, foram inseridas na festa de dois de fevereiro uma série de atribuições que tornavam a celebração mais dinâmica e imponente.

---

<sup>1</sup> Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal de Sergipe. Mestrando em Educação NPGED/UFS. Coordenador do projeto Memórias e Saberes: o patrimônio cultural de Itaporanga d'Ajuda. E-mail: [cajaibasergipe@yahoo.com.br](mailto:cajaibasergipe@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia na Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora voluntária do Projeto Memórias e Saberes: o patrimônio cultural de Itaporanga d'Ajuda. E-mail: [mmsantiago@yahoo.com.br](mailto:mmsantiago@yahoo.com.br)

Novenário, foguetório, velas, procissões, andores, anjinhos e manifestações lúdicas estavam inseridas na festividade. Era um momento em que a cidade se transformava, entrava em um novo ritmo temporal, no qual se manifestava o sagrado. Devido à constatação de tais aspectos, esse trabalho<sup>3</sup> tem como propósito compreender os elementos simbólicos presentes na festa de Nossa Senhora d'Ajuda em Itaporanga entre os anos de 1920 e 1960. É uma tentativa de tentar descortinar a teatralidade barroca que emergiu nas celebrações religiosas dos séculos XVIII e XIX, perdurando até os primeiros decênios do século XX. Trata-se, portanto, de um olhar que se debruça sobre o universo religioso com o propósito de desvelar uma realidade em ebulição, na qual os bens simbólicos foram utilizados com o intuito de catequizar, apaziguar e legitimar uma devoção.

Adentrar no universo festivo incumbe, de antemão, em vasculhar uma realidade permeada por códigos e símbolos que podem permitir a leitura do entorno social em que a mesma está inserida. A festa deve ser lida como sistema relacional, no qual as transformações ao longo do tempo podem ocorrer devido às circunstâncias de âmbito externo, mas também, muitas das vezes podem ser decorrentes da esfera interna. A dinâmica dos sujeitos inseridos faz com que a festa se apresente como algo mutável, como fenômeno vivo. Partindo desta acepção, não se pode entendê-la como modelo, mas como espaço de diálogo.

Assim, se torna necessário investigar as diferentes facetas da festa. É preciso esmiuçar os seus múltiplos sentidos, como também observar o seu entorno, vislumbrar as margens da festa. Sabendo que as forças endógenas e exógenas contribuem para a dinamização de uma festividade, torna-se necessário investigar os vestígios de sua trajetória, na tentativa de desvelar as diferentes transformações e o processo de constituição intrínseca a mesma. Neste caso a festa de Itaporanga d'Ajuda é consideravelmente abundante em registros. Tanto a imprensa, quanto os memorialistas registraram alguns flagrantes da festiva devoção à Virgem d'Ajuda às margens do Vaza-Barris. São diferentes olhares que auxiliam na reconstituição panorâmica de uma das principais festas de padroeira da região. Entre esses observadores atentos, que anotaram as nuances do evento estão Serafim Santiago, com o Anuário Cristovense e a imprensa sergipana, com seus artigos, notas e convites.

O olhar de Serafim Santiago chama a atenção. Trata-se de um sancristovense observando a festa maior do município vizinho e rival, Itaporanga. Neste sentido a descrição de Santiago enfatiza aspectos da suposta pobreza cultural e da rixa dos itaporanguenses frente ao município de São Cristóvão. Afinal, esse olhar desconfiado e crítico é natural, pois a descrição encontra-se em uma obra que busca enaltecer a grandiosidade festiva da velha capital. Pode-se dizer que Itaporanga é inserida na

narrativa de Santiago no intuito de demarcar território, de demonstrar a superioridade cultural de sua terra natal.

### 1. A cidade e a padroeira

Buscar apreender os diversos sentidos da festa incumbe em investigar aspectos muitas vezes ocultados na memória social de uma comunidade. A celebração da padroeira deve ser vista como a auto-representação de um grupo, uma expressão que busca reforçar a identidade e, ao mesmo tempo, delimitar territorialidades. Neste caso a festa não pode ser vista apenas pelo ângulo que se faz visível, que enfatiza o espetáculo, a exibição. É importante investigar sobre o lado imponderável, adentrar nas margens da festa, que por sua vez, podem revelar sentidos desconhecidos. É nesta perspectiva que os bastidores de uma celebração assumem papel relevante. Antes de exibir-se, de apresentar-se ao grande público, ocorrem os preparativos, as encomendas, a ornamentação. São as primeiras notas de uma sinfonia.

Se a festa é um espaço de conflitos, a relação de uma localidade com sua padroeira não é muito diferente. Não é fácil escolher o santo protetor de uma comunidade, pois gera desconfiança, interesses e devoção, ou seja, germina uma zona de conflitos. Mas esse momento é crucial para o entendimento da relação devocional entre a população e o patrono.

Em alguns casos, a origem devocional de uma localidade é marcada pelo mistério, por aparições miraculosas, na qual prevalece a vontade do santo. Por essa ótica, não é a população que escolhe o seu padroeiro, mas o santo que designa a localidade que deseja proteger. Neste sentido, o divino impõe a sua vontade, o seu desejo de tornar-se protetor de uma povoação, vila ou cidade. Muitas vezes, essa vontade do santo aparece de modo intransigente, impondo-se por meio de fugas ou retenção em determinado lugar. Isso pode ser visto como a manifestação do sagrado. Por esse ensejo, pode-se dizer que a relação entre o humano e o divino é marcada por nuances sócio-culturais, nas quais o imaginário pode está infiltrado por aspectos miraculosos.

Por esse motivo, antes de discutir as interfaces da festa da padroeira é preciso atenuar sobre a escolha do mesmo, que nem sempre ocorre de forma pacífica. Esse certamente é o caso de Itaporanga, que desde o período colonial ocorreram inúmeros impasses na disputa da posse da imagem devocional e do aparato a qual estava inserida. Trata-se da disputa pelo encapelado de Nossa Senhora d'Ajuda entre duas famílias tradicionais do Vaza-Barris, que foi alvo de estudo do pesquisador Luís Siqueira (2000).

Esse estudo não tem a pretensão de penetrar nas vicissitudes deste impasse, pois o que nos refere a esse episódio é a constatação de que o controle do templo da

padroeira confere poder. O espaço devocional pode ser visto, nesta perspectiva, como um espaço de disputa, de confronto de interesses, de demarcação de poder. Itaporanga surge com a luta pela posse do encapelado, que encobre interesses que vão além do próprio templo. O confronto não tinha como alvo somente a devoção, mas, principalmente, os bens de uma herança.

Todavia, uma devoção não pode ser apreendida somente por meio da reflexão a respeito de impasses sobre a posse de bens tangíveis. Muitas vezes o enigma condutor da compreensão de aspectos relevantes do culto está em indícios pouco observados, como o imaginário. É preciso navegar pelos sentidos do universo intangível que permeia a devoção, mergulhar no fascinante mundo mítico do enredo do orago protetor. O santo não aparece aleatoriamente, a devoção não é constituída sem o consentimento da população. Por isso torna-se necessário investigar as diferentes ressignificações atribuídas ao panteão devocional. A sociedade é dinâmica e por esse motivo propicia constantes releituras de suas crenças. Assim, a festa passa a ser um mecanismo de re-atualizar os seus mitos, uma forma de celebrar os seus dramas de conjuntamente memorar a sua origem.

A relação entre a cidade e o seu patrono é instigante. O padroeiro de uma localidade tem como função proteger a mesma. O orago seria nesse caso o guardião de uma localidade, o santo para ser invocado em todos os momentos de aflição. Em Itaporanga, esse aspecto protetor atribuído à Virgem d'Ajuda pode ser percebido no mundo ordinário, no cotidiano da população ribeirinha do Vaza-Barris. Nos trejeitos da população, nos clamores de sofrimento e angústia ou em simples apelo de esperança, a Senhora d'Ajuda sempre aparece. Se a devoção não é explícita, ao menos pode ser percebida. O povo católico de Itaporanga tem sua padroeira como a mediadora dos constantes percalços da vida, em uma complexa relação de cumplicidade.

Contudo, a devoção a padroeira do baixo Vaza-Barris tem uma dimensão que não pode ser negligenciada: é a proteção. Nossa Senhora d'Ajuda é a santa protetora de Itaporanga. Isso fica perceptível ao descortinarmos o imaginário local, no qual podemos uma relação de reciprocidade emblemática. Para os itaporanguenses, a virgem d'Ajuda é a protetora da cidade contra as enchentes do Vaza-Barris. Essa proteção se deu a partir do momento da construção da matriz. Para os moradores da localidade, após a edificação da igreja, as águas do rio nunca mais chegaram a invadir o núcleo urbano. Como se pode perceber, a relação entre os devotos e a padroeira é alicerçada na troca, na reciprocidade. A Virgem protege o núcleo urbano, impedindo que as cheias do rio voltem a incomodar os moradores, enquanto estes retribuem a graça construindo a capela para louvá-la como patrona.

Contudo, a relação da cidade com sua padroeira não se restringe ao caráter devocional e protetor. Ser devoto de uma mesma santa é motivo de congregação, de constituição de um corpo comum. Neste sentido, a padroeira passa a servir também

como elo identitário. A identidade da cidade perpassa pelo culto a santa protetora. Em Itaporanga a relação cidade/padroeira é consignada até na toponímia. A cidade é Itaporanga d'Ajuda, ou seja, ela segue sua trajetória histórica sob as bênçãos da padroeira. A urbes do Vaza-Barris é a pedra bonita, o rochedo sob a qual alicerçou-se à devoção a Virgem d'Ajuda.

Na discussão sobre a reciprocidade da cidade com sua padroeira, o título atribuído à Virgem também constitui um indício de relevância. Nossa Senhora d'Ajuda seria uma atribuição mariana dedicada ao auxílio à grande massa de devotos. Dessa forma ela seria a responsável pela ajuda aos moradores da cidade. Por esse motivo, os sentimentos identitários afloram na cidade em relação a santa protetora, pois ela corresponde às carências da população, aos desejos imbuídos secretamente.

Como se pode perceber, a constituição de uma devoção se dá em um longo processo mesclando elementos da conjuntura social com outros da esfera simbólico-imaginativa. Perscrutar por esse universo fabuloso, emaranhado de múltiplos sentidos e significações é tarefa do historiador.

## 2. A festa de 2 de fevereiro

A festa de dois de fevereiro em Itaporanga desde o século XIX era uma das principais celebrações de cunho religioso da região. Devotos de todo município de Itaporanga e de cidades vizinhas partiam para o encapelado d'Ajuda com o intuito de louvar a santa protetora. Esses festejos passaram por uma série de transformações ao longo do tempo, incorporando novos elementos e retirando outros. Essa mutação do evento pode ser vista como reflexo do caráter dinâmico presente nas festas, pois elas podem ser interpretadas como um corpo carregado de sentido, no qual prevalece o emocional, o dialogal. As festas são realizadas pelos homens e isso transparece ao se observar os sentimentos atribuídos as mesmas. Assim, pode-se dizer que uma festividade constitui um sistema relacional, no qual sobressai o caráter humano.

Neste estudo, a festa de Nossa Senhora d'Ajuda é vista como um fenômeno vivo, que ganha corpo e constitui espaço de conflitos. No decorrer do século XIX a festa da padroeira da vila de Itaporanga era centrada no dia dois de fevereiro. Este era o dia em que a cidade recebia visitantes dos mais variados municípios da região do Vaza-Barris. Pobres e ricos se deslocavam para a terra dos barões para celebrar a excelsa patrona.

A festa era uma síntese do catolicismo rústico do dezenove. Era uma mescla de missas, batizados, procissões e folguedos. Tudo visando homenagear a santa e celebrar a congregação da comunidade. Os filhos distantes da terra retornavam nesta ocasião festiva, para reencontrar familiares, amigos e a santa protetora. Nestes dias também ocorria a cidade grande parte da população de São Cristóvão, com o intuito de participar das celebrações. O memorialista Serafim Santiago, destaca a viagem dos

sancristovenses para a vila vizinha, no dia dois de fevereiro, ao dizer que “Neste dia em São Cristóvão nenhuma festa se effectuava, simplesmente a missa conventual. A velha cidade achava-se silenciosa, pois a maior parte da população achava-se na vizinha Villa de Itaporanga, onde sempre neste dia se festeja a Nossa Senhora da Ajuda” (SANTIAGO, 1920, p. 17 v).

O silêncio da antiga capital contrastava com a animação de Itaporanga. Ao celebrar a padroeira, a cidade recebia um considerável número de devotos, como também de manifestações lúdicas, quase sempre provenientes de São Cristóvão. Segundo Serafim Santiago:

Da antiga capital seguiam para ali, Padres, músicos, armadores e muitas pessoas outras que se encarregavam de levar também para melhor realce dar a festa, as seguintes funcções: Baile pastoril, chegada e outras; lembrança essa que sempre achei um verdadeiro disparate, pois o natal jê estava findo e tudo se deve em seu tempo próprio (SANTIAGO, 1920, p. 17v.).

Um típico olhar cristovense observando com desconfiança os festejos da cidade vizinha. Santiago deixa a entender que grande parte dos aparatos da festa de Nossa Senhora d’Ajuda era oriundo de São Cristóvão. Ao que indica, pelas lentes do memorialista da cidade rival, Itaporanga permanecia com certa dependência em relação a antiga capital. Essa desconfiança e rivalidade transparecem em outro momento da narrativa do memorialista, ao dizer que “lembro-me que em alguns annos terminava a festa com barulho, pois o povo de Itaporanga sempre conservou caprichos com os christovenses” (SANTIAGO, 1920, p. 17).

A festa aparece como uma zona de tensão, como um espaço propício a conflitos. No olhar do sancristovense essas confusões seriam causadas pela rixa dos itaporanguenses frente aos moradores da antiga Capital. Isso demonstra que na relação entre as duas localidades prevalecia a desconfiança, a rivalidade e acusações recíprocas. A festa, neste sentido, constituía um momento de explosão dos sentimentos de rivalidade, no qual as tensões cotidianas eram expostas sistematicamente. Emergia um espaço de conflito. No final dos festejos o explodir dos fogos cedia lugar ao barulho das confusões entre os moradores das cidades vizinhas. Com o recolher da imagem para o templo, com o cessar dos passos ritmados dos folguedos, tinha início a baderna.

Ao longo do século XX a festa de Nossa Senhora d’Ajuda em Itaporanga passou por uma série de transformações. A dramaticidade barroca não ficava mais restrita a louvação a santa padroeira, mas difundiu-se em uma retórica que privilegiava a junção de elementos contraditórios, que ao se mesclarem criavam um enredo teatralizante no qual se tornava impossível distinguir o vivido da ficção.

Um novo sentido atribuído aos festejos foi com a imersão de uma maior relevância para o novenário, que passou a reunir mais devotos, congregar novas comunidades, estimular novas rivalidades. Isso se deu com a realização de procissões introdutórias e com a escolha de povoados para patrocinarem cada noite de festejo. Assim, em cada novena saía a procissão de um povoados diferente, deslocando-se para a matriz. Podemos ver essa ação como uma tentativa de fortalecer os laços da paróquia com os moradores dos povoados. Seria uma tentativa de integrar, que paradoxalmente acabava estimulando a rivalidade entre os mesmos.

No entanto a apoteose barroca se dava na celebração de dois de fevereiro. Criava-se um roteiro prévio, visto como enredo para o drama que seria encenado pelas ruas tortuosas e enladeiradas de Itaporanga. Na trama mágica que se dava pela cidade tudo visava prender o devoto/expectador pelos sentidos. O vivido e o fictício se misturavam. Santos em andores majestosos desfilavam perdidos em uma multidão de pecadores, que por sua vez buscavam a salvação. Vários elementos constituíam a cena: fogos, Lira Cristovense, bandeiras de irmandades, crianças vestidas de anjos. Parecia que por algum instante o céu descera ao palco da festa de Itaporanga.

Mas o ponto máximo dessa barroquização da procissão era o esplendor dos andores. Inúmeras imagens desfilavam pela cidade em andores com ornamentação que representavam cenários bíblicos. Era um verdadeiro desfile da corte celestial pelas estreitas ruas. Um exemplo elucidativo dessa eloquência discursiva da festa é a procissão de 1958, que teve os andores de Senhora Santana, São Vicente, Santo Antônio, Santa Inês, Santo Antão, Menino Jesus, São João Batista e o grandioso andor da virgem representando o triunfo de Maria.

Essa era a faceta barroca da padroeira de Itaporanga. Um enredo no qual era difícil discernir o cotidiano do fictício, no qual pecadores e a corte celestial desfilavam no mesmo caminho, pelas mesmas ruas e becos de uma cidade que pretendia se mostrar como católica, reafirmando a supremacia da Virgem. No alto, os inúmeros santos com olhares perdidos para o horizonte. Embaixo, o povo simples do Vaza-Barris, murmurando suas dores, com os olhos marejados fitos para o santo protetor. Com isso, os santos desfilavam em andores cercados de flores, em meio a uma multidão suplicando a salvação.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

**AMADO**, Gilberto. História de Minha infância. São Cristóvão: Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

**ABUMANSSUR**, E. S. . Romeiros de Iguape: perfil de uma devoção. In: XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na America Latina, 2005, Porto Alegre. XIII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina. Porto Alegre: PUCRS, PPGCS, 2005.

**ABUMANSSUR**, E. S. . Romarias e turismo religioso: novos olhares sobre um antigo fenômeno. In: I Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidade e Cultura, 2003, Dourados - MS. I Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidade e Cultura. Dourados: UFMS, 2003.

**ELIADE**, Mircea. O sagrado e o profano: essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**GINZBURG**, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Santa Inquisição. Trad. Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_, “Sinais: raízes de um paradigma”. In: Mitos, sinais e emblemas: morfologia e História. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.143-179.

**LE GOFF**, Jacques. “Documento Monumento”. In: História e memória. Trad. Bernardo Leite. 2 ed. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1996.

**SIQUEIRA**, Luis. Religião, Terra e Poder: o encapelado Nossa Senhora da Ajuda em Itaporanga - Sergipe (1798-1838). São Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

**TORRES-LONDOÑO**, Fernando. “Introdução do sagrado cristão nas crônicas sobre a cristianização do Brasil. In: QUEIROZ, José J. et al. (org). Interfaces do sagrado: em véspera do milênio. São Paulo: PUC-SP, 1996. p.57-73.

**VERENA**, Alberte. História Oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, 1989.